



FAUNA

DA SERRA D'ARGA —————
————— À FOZ DO ÂNCORA

ELABORADO POR



FLORADATA - Biodiversidade,
Ambiente e Recursos Naturais, Lda

Avenida de Fernão de Magalhães, 607 4.º Esq.
4350-164 Porto
T. 222 080 104
geral@floradata.pt
www.floradata.pt

PROJETO INTERMUNICIPAL

Miguel Alves
Presidente da C. M. de Caminha

José Maria Costa
Presidente da C. M. de Viana do Castelo

Victor Mendes
Presidente da C. M. de Ponte de Lima

Coordenação geral e supervisão
Guilherme Lagido Domingos
Vice-Presidente da C. M. de Caminha

EQUIPA TÉCNICA

FLORADATA - Biodiversidade, Ambiente
e Recursos Naturais, Lda

Coordenação
Duarte Filipe Silva

Textos
Joaquim Duarte Mendes

Conceção gráfica
Miew Creative Studio

Depósito legal
452574/19

ISBN
978-989-54358-1-4

Janeiro de 2019



Raposa (*Vulpes vulpes*)

Introdução

O Sítio de Importância Comunitária “Serra de Arga” (SIC PTCON0039), classificado pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004, com uma área de 4.493 hectares, é uma área com importância conservacionista que abrange os concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima.

Esta pequena brochura faz parte de um conjunto alargado de formatos de divulgação do património desta região, que visam dar a conhecer alguns dos seus principais valores naturais, culturais e paisagísticos, procurando ao mesmo tempo sensibilizar para a importância da conservação dos valores naturais.

No caso da fauna, a Serra d’Arga possui uma extraordinária diversidade de espécies, com mais de 180 espécies de vertebrados selvagens divididos entre peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos (incluindo os morcegos).

Nesta brochura destaca-se essa grande diversidade, mas também a presença de espécies particularmente emblemáticas da região, muitas delas espécies ameaçadas de extinção. Procura-se ainda fazer um enquadramento das diferentes áreas que constituem este Sítio de Importância Comunitária, incluindo todo o corredor do Rio Âncora, permitindo desta forma perceber e enquadrar a presença das várias espécies da fauna contribuindo para a definição dos melhores locais de observação.



Limites da área de estudo e do SIC "Serra de Arga"

- Área de estudo
- SIC "Serra de Arga"

Descrição da área

O Sítio de Importância Comunitária (SIC) "Serra de Arga" (PTCON0039) é uma área classificada como importante para a conservação dos valores naturais no âmbito da Rede Natura 2000 (classificado pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004).

Localizada no extremo noroeste de Portugal continental, abrange uma área com cerca de 4.493 hectares, apresentando uma

diversidade e complexidade de habitats, que incluem o setor montante do corredor fluvial do Rio Âncora e principais afluentes e toda a área do sistema montanhoso da Serra d'Arga. Por constituir um importante corredor ecológico, é aqui apresentada informação sobre as espécies de fauna presentes em todo o troço do Rio Âncora, incluindo o troço terminal, até à foz em Vila Praia de Âncora.

Esta é uma região caracterizada por um clima de influência marcadamente atlântica, com temperaturas médias baixas e níveis de humidade e precipitação muito elevados. Outra característica particular prende-se com o relevo peculiar, marcado por uma significativa variação em altitude, que vai desde o nível do mar, na foz do Rio Âncora, até um máximo de 825 metros, no Alto do Espinheiro, em plena Serra d'Arga. No seu conjunto, estas características marcam decisivamente a paisagem, contribuindo para uma grande diversidade de biótopos, importantes para a sobrevivência de muitas espécies de fauna.

É também uma área fortemente influenciada por diversas ações antropogénicas. Desde a foz do Rio Âncora, ao longo de todo o corredor fluvial, até às zonas montanhosas da Serra d'Arga, observa-se um gradiente de pressões humanas,

com áreas densamente humanizadas, na área mais litoral, que vão diminuindo com o aproximar das zonas de montanha.

A foz e o pequeno estuário encontram-se inseridos num contexto urbano, mas mantêm excelentes características ecológicas, principalmente para uma multiplicidade de espécies de aves migratórias.

As áreas envolventes ao rio têm sido particularmente afetadas pela transformação da floresta, sendo atualmente dominadas por povoamentos florestais de pinhal e eucaliptal, com manchas significativas de espécies exóticas com reduzido valor ecológico. Ainda assim, apesar destas alterações, o corredor fluvial, de características maioritariamente lóticas, mantém boa qualidade da água e boas condições de abrigo para diversas espécies animais.

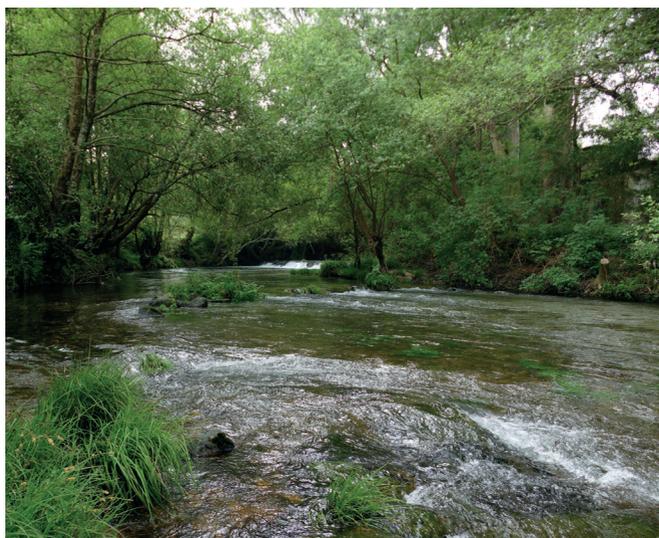
Estuário do Rio Âncora





Foz do Rio Âncora
(em cima)

Rio Âncora (à direita)



Montanha (página
seguinte, em cima)

Pastagem de montanha
(página seguinte,
em baixo)



As áreas montanhosas, com densidades populacionais baixas, encontram-se alteradas pelas práticas agrícolas tradicionais e de pastoreio extensivo. Na montanha, estas atividades moldaram a paisagem criando um conjunto de biótopos com grande interesse para as comunidades faunísticas, com manchas de mosaicos agroflorestais típicos das montanhas da região norte, formados pelas pequenas explorações agrícolas, lameiros e pequenos bosquetes circundantes.

No seu conjunto, estas características resultam numa área de grande valor ecológico, com uma grande multiplicidade de habitats, utilizados por uma grande diversidade de espécies de fauna.

Património Faunístico

Toda a área da Serra d'Arga e corredor fluvial do Rio Âncora, até ao estuário, possui uma extraordinária diversidade de habitats que servem de abrigo a pelo menos 186 espécies de vertebrados selvagens, incluindo peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Destas, cerca de 30% são espécies consideradas ameaçadas de extinção em Portugal (avaliadas e classificadas com estatutos de ameaça pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal) ou a nível europeu (listadas entre as espécies com estatuto de proteção pelas diretivas comunitárias Habitats e Aves).

A importância desta área para a fauna pode ser melhor compreendida tendo como comparação a área protegida de maior importância em Portugal, o Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), com uma localização relativamente próxima e uma área total muito superior (cerca de 15 vezes superior). Verifica-se assim que as 186 espécies de vertebrados selvagens confirmadas na Serra d'Arga correspondem a cerca de 80% das 235 espécies referenciadas no plano de ordenamento do PNPG. Este valor muito aproximado reflete bem a importância da Serra d'Arga para diversas espécies da fauna selvagem a nível regional e nacional.



Anfíbios

Os anfíbios são animais com ciclos de vida complexos, muito dependentes da água. A palavra anfíbio deriva do latim "anfi", que significa dupla, e "bios", que significa vida, e faz alusão ao facto das espécies deste grupo apresentarem durante o ciclo de vida uma alternância de fases aquáticas e terrestres. São animais de sangue frio (ectotérmicos), com pele nua (não possuem escamas, penas ou pelos), o que possibilita a respiração cutânea. Na fase aquática, correspondente, pelo menos, ao período de reprodução, as espécies depositam os seus ovos em pontos de água com características muito variáveis (rios, ribeiros, charcos temporários ou permanentes, tanques, minas, etc.), permanecendo nesses locais durante o período de desenvolvimento larvar (as larvas de anfíbios são vulgarmente conhecidas como girinos). Finalizado esse período, ocorre a metamorfose para o estado adulto e a maioria das espécies abandona estes locais. Os adultos podem ocorrer numa grande diversidade de habitats, apresentando geralmente hábitos discretos e noturnos, permanecendo usualmente abrigados, debaixo de pedras, de vegetação ou mesmo enterrados, durante o dia. Deste modo, a melhor forma de observar anfíbios

consiste na observação dos pontos de água, particularmente no período reprodutor (que para a maior parte das espécies ocorre na primavera).

Em Portugal os anfíbios dividem-se em dois grupos principais: Anura e Caudata. Os anuros são anfíbios sem cauda e incluem as rãs e os sapos, os caudados, que tal como o nome indica são anfíbios com cauda, incluem as salamandras e os tritões.

Para o país estão identificadas 18 espécies de anfíbios, das quais pelo menos 11 (6 anuros e 5 caudados) estão presentes na Serra d'Arga, estando ausentes principalmente os anfíbios mais típicos de habitats mediterrânicos. Das espécies mais associadas aos climas atlânticos, praticamente todas podem ser encontradas na Serra d'Arga. Particularmente dependente dessas características, com distribuição limitada a áreas de clima temperado e com elevada precipitação anual, na Serra d'Arga pode encontrar-se uma das espécies de anfíbios mais rara e emblemática da fauna nacional, a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*).

Salamandra-lusitânica
(*Chioglossa lusitanica*)

A salamandra-lusitânica é uma espécie endêmica da Península Ibérica, com uma distribuição muito restrita, ocorrendo apenas no noroeste da península, com grande parte das suas populações presentes no noroeste de Portugal. É uma espécie muito dependente de índices de humidade muito elevados, geralmente associada a pequenos ribeiros, com águas límpidas, bem oxigenadas e ambientes com vegetação abundante, onde tem o hábito de permanecer escondida, abrigada da exposição solar. Estes pequenos animais (medindo cerca de 12 a 15 cm, sendo dois terços desse comprimento correspondentes à cauda) têm a peculiaridade de serem a única espécie de anfíbio em Portugal com autonomia de cauda como estratégia para confundir predadores, uma forma de defesa que lhes permite libertar a cauda, que fica a mexer, dando tempo para as salamandras se esconderem.

Atualmente a salamandra-lusitânica encontra-se ameaçada de extinção a nível nacional e global, estando classificada como Vulnerável em Portugal, no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, e a nível global, pela União Internacional para a Conservação da Natureza. Ainda assim, na Serra d'Arga encontra características

climáticas e biótopos com excelentes condições, parecendo ser relativamente abundante, surgindo geralmente associada às várias pequenas linhas de água existentes.

Além da salamandra-lusitânica destaca-se também a presença confirmada na Serra d'Arga de outro endemismo ibérico: a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*). Esta espécie, apesar do seu nome comum, é na realidade um sapo da família Alytidae (os anuros com pele rugosa, mais associados a meios terrestres, são vulgarmente conhecidos como sapos, ao passo que os anuros de pele lisa, mais associados ao meio aquático, são vulgarmente conhecidos como rãs), tem uma distribuição global restrita a Portugal e à metade oeste de Espanha. É uma espécie com hábitos bastante aquáticos, surgindo geralmente nas proximidades dos pontos de água, nomeadamente pequenos ribeiros, embora possa ser igualmente encontrada na vegetação húmida de terrenos alagadiços, prados e lameiros, por vezes a alguma distância da água. Não se encontrando tão ameaçada como a salamandra-lusitânica, é ainda assim considerada como Quase Ameaçada em Portugal (Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal).



Rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*)

Além destas duas espécies mais relevantes do ponto de vista conservacionista, na Serra d'Arga são frequentes outras espécies muito interessantes de anfíbios, como a rã-ibérica (*Rana iberica*), uma pequena rã também endêmica das zonas de clima atlântico da Península Ibérica, muito frequente nesta região; o sapo-parteiro (*Alytes obstetricans*), um sapo com uma estratégia de reprodução peculiar, em que os machos carregam um fio de ovos fertilizados nas suas costas para protegê-los de predadores na água,

depositando-os apenas quando estes estão prontos a eclodir; o sapo-corredor (*Epidalea calamita*), um sapo robusto, de hábitos bastante terrestres, que graças às suas patas posteriores compridas, se desloca de forma característica, através de pequenas corridas; e o tritão-marmorado (*Triturus marmoratus*), frequentemente observado no período reprodutor em diversos charcos da serra, que se destaca pela sua curiosa coloração (coloração dorsal verde com manchas escuras de tamanho, forma e distribuição variável).



A - Tritão-marmoreado (*Triturus marmoratus*)
 B - Sapo-corredor (*Epidalea calamita*)
 C - Rã-ibérica (*Rana iberica*)
 D - Sapo-parteiro (*Alytes obstetricans*)



Lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*)

Répteis

Ao contrário dos anfíbios, os répteis são um grupo animal completamente independente da água. Apresentam uma pele grossa impermeável, seca e sem glândulas, coberta por escamas epidérmicas (cobras e lagartos) ou placas córneas (crocodilos e caimões) que, nas tartarugas, se unem sobre a pele formando uma carapaça protetora. Tal como os anfíbios, não têm a capacidade de controlar a temperatura corporal (ectotérmicos). Esta característica é compensada por comportamentos específicos para ajudar a regular a temperatura. De uma forma geral, a maioria das espécies apresenta períodos totais de inatividade nas épocas mais frias: período

de hibernação. Fora desse período, os répteis procuram muitas vezes locais com boa exposição solar, como o topo de rochas, muros de pedra, ou mesmo estradas e caminhos, onde frequentemente se encontram parados até atingirem temperaturas ideais. Esta característica faz com que os melhores locais para observar muitas das espécies deste grupo sejam frequentemente locais com estas características, principalmente logo após o período de hibernação, altura em que as espécies se encontram ainda pouco ativas (com menor capacidade para fugir rapidamente antes de serem vistas).

Para algumas das espécies de répteis que ocorrem em Portugal, as características climáticas desta região, com clima frio e húmido, não são particularmente adequadas. Ainda assim, encontram-se na Serra d'Arga 12 das 28 espécies presentes em Portugal continental.

Os répteis selvagens presentes em Portugal dividem-se de uma forma geral em 3 grupos: as tartarugas (ordem Testudines), os lagartos (ordem Squamata; subordem Sauria) e as serpentes (ordem Squamata; subordem Serpentes). Na Serra d'Arga as espécies de répteis presentes pertencem apenas aos Squamata (com escamas), incluindo lagartos e serpentes.

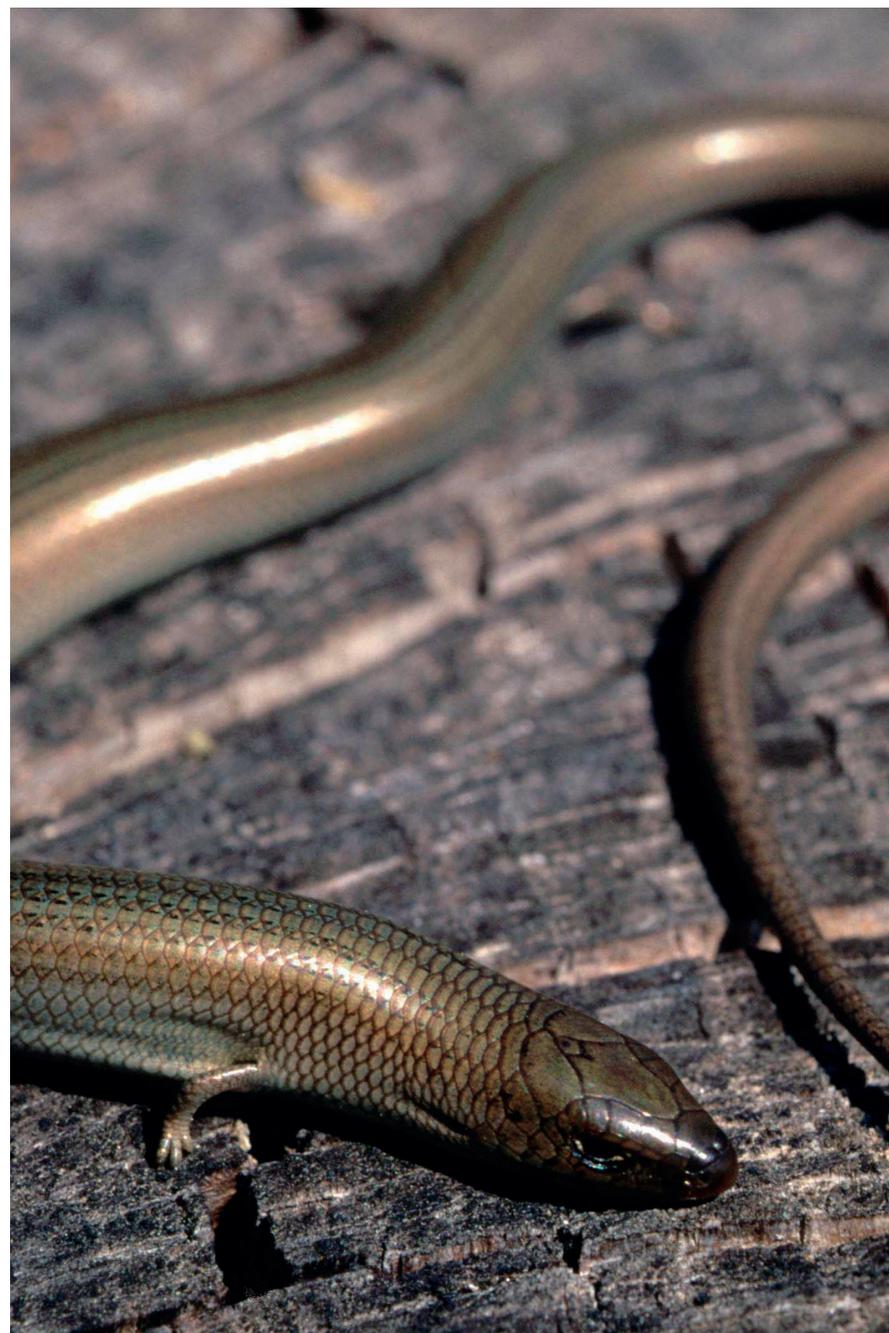
Entre os lagartos, encontram-se na Serra d'Arga sete espécies, incluindo algumas com interesse conservacionista e/ou com particularidades curiosas.

O lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*) é um lagarto de tamanho médio com cerca de 12,5 cm de comprimento (cabeça-corpo), que se destaca pela curiosa coloração azulada da cabeça e pescoço que adquirem, particularmente os machos, no período reprodutor.

É uma espécie que surge quase sempre associada a rios e ribeiros de águas límpidas, com boa qualidade de água, já que é uma espécie muito sensível à poluição, não ocorrendo em linhas de água contaminadas. É uma espécie endémica da Península Ibérica, particularmente associada a zonas de clima de influência atlântica, com elevados níveis de humidade. Em Portugal é relativamente abundante no norte, sendo que no sul só aparece em núcleos populacionais isolados, em zonas com características climáticas específicas, mais semelhantes às do norte. Não sendo considerada uma espécie ameaçada em Portugal, é uma espécie com um estatuto de conservação elevado a nível europeu, estando listada nos anexos II e IV da Diretiva Comunitária Habitats. Na Serra d'Arga é uma espécie relativamente frequente em todo o corredor do Rio Âncora.

Outra espécie particularmente interessante, e relativamente frequente na Serra d'Arga, é a cobra-de-pernas-tridáctila (*Chalcides striatus*). Esta espécie, apesar do nome comum, é um pequeno lagarto serpentiforme, que apresenta membros curtos, vestigiais, com apenas três dedos (tridáctilo).

Cobra-de-pernas-tridáctila
(*Chalcides striatus*)



A cobra-de-pernas-tridáctila é um endemismo ibérico, que ocorre geralmente associado a áreas húmidas, em locais abertos, expostos, e com abundante cobertura herbácea (prados húmidos, terras de cultivo abandonadas e clareiras de bosques). Não sendo considerada uma espécie ameaçada, é uma espécie pouco conhecida e não muito abundante no país, sendo relativamente frequente na Serra d'Arga.

Entre os lagartos, na Serra d'Arga encontram-se ainda três espécies de lagartixas, entre elas a lagartixa-de-Bocage (*Podarcis bocagei*), endêmica do noroeste da Península Ibérica; o sardão (*Timon lepidus*), o maior lagarto ibérico, podendo atingir até 80 cm (incluindo a cauda), muito abundante nas zonas altas da serra; e o licranço (*Anguis fragilis*), um pequeno lagarto serpentiforme, sem membros, também muito frequente em toda a área.

Relativamente às serpentes, destaca-se na área da Serra d'Arga a cobra-rateira (*Malpolon monspessulanus*), a maior cobra da fauna portuguesa, que pode ultrapassar os dois metros. Esta espécie, comum em Portugal, e que pode ser encontrada em habitats muito diversos (como pinhais, montados, matagais, charnecas, pastagens, orlas de bosque e de áreas agrícolas ou zonas mais abertas e pedregosas), é uma espécie agressiva mas inofensiva para os humanos. Apesar de produzir um veneno forte, de características neurotóxicas, tem os dentes inoculadores inseridos na parte traseira das mandíbulas, pelo que necessita de abocanhar a presa e mantê-la parcialmente engolida, para que o veneno possa ser injetado e fazer efeito.

Muito mais pequena (geralmente inferior a 50 cm), discreta, com hábitos noturnos, e menos abundante, a cobra-lisa-meridional (*Coronella girondica*) parece ser

Lagartixa-de-Bocage (*Podarcis bocagei*)



Cobra-lisa-meridional (*Coronella girondica*)

relativamente rara na Serra d'Arga. Ao contrário da cobra-rateira, esta pequena cobra não é agressiva, sendo muito raras as investidas com intuito de morder, e mesmo que o tentasse, como não possui dentes inoculadores de veneno, é completamente inofensiva. Como mecanismo de defesa, quando se sente em perigo, liberta uma substância de odor desagradável, tentando assim dissuadir o eventual predador.

Também presentes em diferentes habitats na Serra d'Arga encontram-se ainda, pelo menos, outras 3 espécies de serpentes inofensivas: duas cobras-de-água (a cobra-de-água-de-colar, *Natrix natrix*, e

a cobra-de-água-viperina, *Natrix maura*), associadas essencialmente, mas não exclusivamente, aos meios aquáticos; e a cobra-de-escada (*Zamenis scalaris*), uma espécie com características mais mediterrânicas, aparentemente pouco comum nesta região.



Cobra-de-água-viperina (*Natrix maura*)
Cobra-de-escada (*Zamenis scalaris*)



Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*)

Aves

As aves representam um grande e diversificado grupo de vertebrados, endotérmicos (capazes de regular a temperatura corporal), com metabolismo elevado, caracterizado por diversas adaptações ao voo, como a presença de penas a cobrir a pele, esqueleto com ossos pneumáticos (ossos ocos, resistente e leves, cheios de ar) e presença de sacos aéreos (bolsas de ar que estão ligadas aos pulmões e que ajudam a ave alterar o seu volume, deixando-as mais leves). São o grupo de vertebrados com maior diversidade em Portugal, com mais de 260 espécies com ocorrência regular no continente descritas no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Na Serra d'Arga são também o grupo mais abundante, com 126 espécies com ocorrência confirmada, incluídas em 17 ordens e 45 famílias distintas, adaptadas aos diversos tipos de habitats presentes na região.

Relativamente às aves é importante referir que muitas das espécies apresentam padrões migratórios, sendo que a sua presença numa determinada região varia em função das suas características fenológicas.

De uma forma geral, cerca de metade das 126 espécies com presença confirmada pode ser considerada residente, devendo estar presente na região ao longo de todo o ano. Para as restantes, a sua presença varia em função dos períodos anuais, estando presentes apenas nos períodos de primavera e verão (as migradoras reprodutoras), período de inverno (as invernantes) ou ainda durante os períodos de passagens migratórias (as migradoras de passagem), estas últimas ocorrendo geralmente no período pré-reprodutor (março-abril) e no período pós-reprodutor (agosto-setembro).

Na Serra d'Arga, em particular, estão também presentes várias espécies ameaçadas, com pelo menos 17 espécies com estatuto de proteção em Portugal, pelo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, e muitas outras também protegidas a nível europeu, pela Diretiva Comunitária Aves. Além dessas, destaca-se ainda a presença frequente na área de várias espécies emblemáticas e/ou com características comportamentais peculiares, muitas vezes pouco comuns a nível regional e nacional.

Nas aves o grupo mais abundante e diversificado corresponde ao conjunto de espécies da ordem dos Passeriformes, ou seja, as aves vulgarmente conhecidas como pássaros. Na Serra d'Arga estão identificadas mais de 70 espécies de passeriformes que vão desde aves muito pequenas, como o chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*), a espécies de tamanho médio, como o tordo-comum (*Turdus philomelos*), até espécies de grande tamanho, como os bem conhecidos corvo (*Corvus corax*) e pega-rabuda (*Pica pica*). Na sua maioria são espécies relativamente comuns e pouco ameaçadas, estando incluídas neste grupo espécies com diferentes hábitos alimentares, muitas vezes refletidos no formato do bico. As espécies de hábitos maioritariamente insectívoros, como os papa-moscas (*Ficedula hypoleuca* e *Muscicapa striata*), as trepadeiras (*Sitta europaea* e *Certhia brachydactyla*) ou as diversas espécies de felosas como a felosa-poliglota (*Hippolais polyglotta*), apresentam um bico fino adaptado à captura de pequenos insetos. As espécies que se alimentam essencialmente de sementes, as granívoras, em que se incluem os fringílídeos como o tentilhão (*Fringilla coelebs*), o pintassilgo (*Carduelis carduelis*) ou o discreto bico-grossudo (*Coccothraustes coccothraustes*), mas também os pardais (*Passer montanus* e *Passer domesticus*) e a escrevedeira (*Emberiza cirrus*), possuem um bico de

forma cónica, de robustez e tamanho variável, dependente do regime alimentar. Alguns grupos mais específicos, como os picanços (*Lanius senator* e *Lanius meridionalis*), têm ainda algumas adaptações particulares, como o bico com ponta ligeiramente curva, em forma de gancho, semelhante ao que acontece nas aves de rapina, refletindo os seus hábitos alimentares predatórios. Os passeriformes são de facto um grupo muito diversificado, com características como o tamanho, a coloração e comportamento muito variáveis, que podem ocorrer associados a diversos tipos de habitats. Neste grupo estão incluídas espécies associadas a meios aquáticos, como o melro-de-água (*Cinclus cinclus*); a meios arborizados, como o chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*), a matos, como a felosa-do-mato (*Sylvia undata*); ou meios rochosos, como o melro-azul (*Monticola solitarius*).



Corvo (*Corvus corax*)



Tordo-comum (*Turdus philomelos*)



Trepadeira-azul (*Sitta europaea*)



Tentilhão (*Fringilla coelebs*)



Picanço-barreteiro (*Lanius senator*)



Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*)



Felosa-do-mato (*Sylvia undata*)



Grifo (*Gyps fulvus*)



Búteo-vespeiro (*Pernis apivorus*)

Outro grupo importante e bem representado na Serra d'Arga, as aves de rapina (ordens Accipitriformes e Falconiformes), apesar de muito menos diversificado e abundante, inclui muitas das espécies com maior importância conservacionista. O tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), o búteo-vespeiro (*Pernis apivorus*) e o açor (*Accipiter gentilis*), são todas consideradas como altamente ameaçadas de extinção, enquanto espécies como a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) ou o grifo (*Gyps fulvus*), são espécies consideradas quase ameaçadas em Portugal, sendo ambas igualmente protegidas por estatutos de conservação a nível europeu.

O tartaranhão-caçador é uma das espécies mais raras que podemos observar na Serra d'Arga. Considerado em Perigo de extinção em Portugal, e listado no anexo I da Diretiva Aves, é uma ave de rapina de tamanho médio, com um evidente dimorfismo sexual. Os machos, mais pequenos que as fêmeas, apresentam de uma forma geral tons lisos e acinzentados, com as asas orladas de preto, enquanto as fêmeas, menos vistosas, têm uma coloração geral acastanhada, mais parda. É uma espécie com voo tipicamente baixo, rente ao solo, que nidifica no solo, geralmente em áreas abertas, em planícies ou planaltos. Na Serra d'Arga observa-se principalmente associado às zonas mais altas, em planalto, com vegetação baixa. Está presente em Portugal apenas como migrador reprodutor e muito provavelmente reproduz-se na Serra d'Arga.

Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*)





Outra espécie destacada, o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*), é também uma rapina diurna ameaçada, típica das zonas montanhosas. Sendo o maior falcão que ocorre em Portugal, é principalmente conhecido por ser o animal mais rápido do planeta, podendo atingir velocidades superiores a 200 km/h (as velocidades máximas instantâneas calculadas são na ordem dos 350 km/h), nos seus voos picados, que utiliza para capturar outras aves em voo. É uma espécie que nidifica tipicamente em zonas rochosas, sendo que na Serra d'Arga parece nidificar nas escarpas das zonas montanhosas, devendo estar presente durante todo o ano.

Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*)



Bufo-real (*Bubo bubo*)

As aves noturnas incluem dois grandes grupos, as aves de rapina noturnas (Strigiformes) e os noitibós (Caprimulgiformes). Das aves noturnas destaca-se a presença na Serra d'Arga de espécies com elevado interesse conservacionista, como o bufo-real (*Bubo bubo*), o maior mocho da fauna portuguesa, ou o noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*), uma ave noturna insectívora, muito curiosa. Pela sua raridade e simbolismo, das aves de rapina noturnas destaca-se, especialmente, o bufo-real (*Bubo bubo*). Podendo atingir mais de 1,5 metros de envergadura de asas, esta poderosa rapina noturna raramente aparece durante o dia, o que a torna bastante difícil de observar. A melhor forma de a detetar é, muitas vezes, escutando o seu típico chamamento (um

canto grave, possante, ecoante e claramente dissilábico). Os chamamentos de bufo-real podem ser escutados na Serra d'Arga, essencialmente durante o período de inverno, entre novembro e fevereiro. É uma espécie tipicamente associada a zonas escarpadas, onde deve nidificar e permanecer durante todo o ano.

Dentro das aves de rapina noturnas é de salientar ainda a presença da coruja-das-torres (*Tyto alba*), uma espécie mais comum, muitas vezes associada aos aglomerados urbanos.



Borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*)

Finalmente, destacam-se as espécies de aves com características específicas mais adaptadas à exploração dos meios aquáticos. Particularmente associadas à zona estuarina podem ser observadas diversas espécies de aves com hábitos direta e indiretamente associados à água. Entre as várias espécies de gaivotas, incluem-se algumas raras ou pouco comuns na região, das quais se destaca a gaivota-de-cabeça-preta (*Ichthyaetus melanocephalus*). Entre as limícolas (aves da ordem Charadriiformes, geralmente associadas a zonas húmidas e lamacentas), podem ser observadas nesta zona várias espécies, incluindo o borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*) e o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*). Entre as aves aquáticas de grande dimensão pode-se destacar a presença de corvos-marinhos (*Phalacrocorax carbo*), da garça-real (*Ardea cinerea*), a maior garça em Portugal, podendo atingir 1 metro de altura e 185 cm de envergadura, ou da garça-branca-pequena (*Egretta garzetta*).

Pelo seu valor conservacionista, das aves aquáticas destaca-se particularmente a andorinha-do-mar (*Sterna hirundo*). Esta espécie piscívora, classificada como Em Perigo de extinção em Portugal (Livro Vermelhos dos Vertebrados de Portugal), pode esporadicamente ser observada neste pequeno estuário, nos seus curiosos voos picados sobre a água para capturar peixe, principalmente nos seus períodos migratórios.

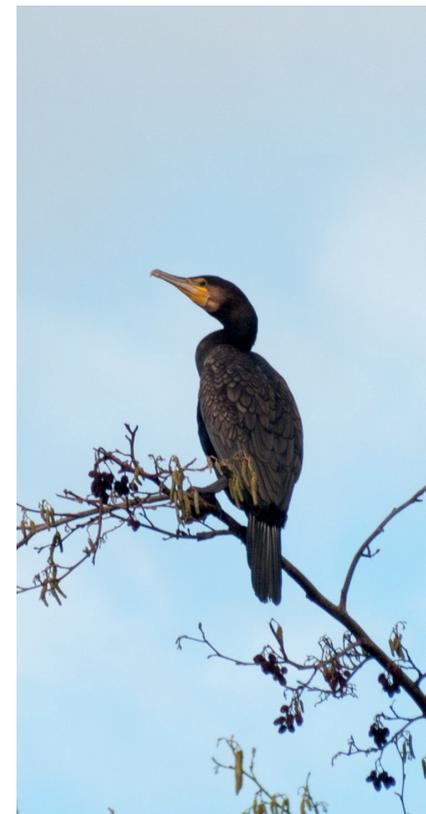
Por ser uma espécie protegida (classificada no anexo I da Diretiva Habitats), mas principalmente por ser uma espécie emblemática de rios e estuários, destaca-se ainda a presença, e abundância na área, do guarda-rios (*Alcedo atthis*). Esta ave, muito colorida, está presente ao longo de grande parte do corredor fluvial do Rio Âncora, até ao estuário, podendo facilmente ser observada nos seus típicos voos rápidos e rasantes sobre a água, ou em mergulhos a partir de poleiros, em que frequentemente captura os pequenos peixes de que se alimenta.



Gaivota-de-cabeça-preta (*Ichthyaetus melanocephalus*)



Garça-branca-pequena (*Egretta garzetta*)



Corvo-marinho (*Phalacrocorax carbo*)



Andorinha-do-mar (*Sterna hirundo*)



Guarda-rios (*Alcedo atthis*)



Texugo (*Meles meles*)

Mamíferos

Sendo também um grupo muito diversificado, os mamíferos são o grupo de animais historicamente mais recente, apresentando por isso características evolutivas mais complexas que o distinguem dos restantes. Entre as principais características deste grupo incluem-se a reprodução interna, a presença de glândulas mamárias nas fêmeas, o corpo coberto de pelos, como forma de auxílio ao controlo da temperatura corporal, o sistema nervoso bem desenvolvido com cérebros volumosos, o sistema circulatório completamente desenvolvido com o coração dividido em quatro partes, entre muitas outras características distintas. No caso dos mamíferos placentários (em que se incluem todas as espécies presentes em Portugal), todo o desenvolvimento embrionário é efetuado internamente, aumentando assim a probabilidade de sucesso reprodutivo. Devido a estes fatores é um dos grupos faunísticos em que as espécies se encontram melhor adaptadas, sendo por isso um

grupo globalmente diverso e bem distribuído, com espécies presentes em todo o tipo de ambientes, incluindo ambientes marinhos. Em Portugal os mamíferos presentes dividem-se em 7 ordens (Insectívora, Carnívora, Chiroptera, Rodentia, Lagomorpha, Artiodáctila e Cetacea). Com exceção dos mamíferos marinhos (Cetacea), as restantes ordens estão representadas nas 33 espécies de mamíferos selvagens presentes na Serra d'Arga.

Os mamíferos carnívoros, em particular, são na Serra d'Arga um grupo relativamente abundante e especialmente emblemático, incluindo espécies como o lobo (*Canis lupus*), a lontra (*Lutra lutra*), a raposa (*Vulpes vulpes*), o texugo (*Meles meles*) e outros carnívoros mais pequenos e menos conhecidos, como a geneta (*Genetta genetta*), o toirão (*Mustela putorius*) e a fuinha (*Martes foina*).



Fuinha (*Martes foina*)



Toirão (*Mustela putorius*)



Lontra (*Lutra lutra*)

Com uma presença regular ao longo do corredor fluvial do Rio Âncora, entre os carnívoros destaca-se a presença da lontra (*Lutra lutra*), espécie muito emblemática dos nossos rios. Este carnívoro semiaquático apresenta hábitos crepusculares e noturnos. Embora relativamente abundante, e com uma distribuição generalizada em Portugal continental, é uma espécie que se encontra em declínio em vários países europeus, não só no número de indivíduos mas também na área de ocupação.



Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*)

Ainda assim, entre os carnívoros o principal destaque vai para o lobo, claramente a espécie mais emblemática entre todas as presentes na Serra d'Arga, sendo ao mesmo tempo a mais ameaçada de extinção e com maior estatuto de proteção. Esta espécie está classificada como Em Perigo em Portugal, pelo Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal, e listada nos anexos II e IV da Diretiva Habitats como espécie de conservação prioritária, a nível europeu. A subespécie presente em Portugal, o lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), é endémica da Península Ibérica e tem em Portugal uma distribuição restrita essencialmente às serras do norte do país.

Outrora abundante, o declínio do lobo, até números populacionais muito reduzidos, deveu-se a diversos fatores, como as constantes perseguições por parte do homem e o declínio de muitas das suas presas selvagens, que consistem principalmente noutros mamíferos de médio ou grande porte, como veados e javalis.

Para o lobo, a zona montanhosa da Serra d'Arga é atualmente a região mais ocidental com presença regular confirmada em Portugal. Neste local, parece ter sido uma espécie frequente ao longo dos tempos, tendo praticamente desaparecido até tempos recentes. Este reaparecimento parece estar relacionado com o aumento de garranos em liberdade na serra, que constituem atualmente a presa preferencial do lobo nesta região.

Os garranos, sendo também um dos elementos mais marcantes da fauna da região são no entanto uma espécie de equídeo de origem doméstica, não podendo ser considerada uma espécie selvagem. As características que definem a raça garrana têm origem num processo de domesticação de cavalos selvagens, que vem desde o neolítico, com consequente seleção artificial de características através de múltiplos cruzamentos. Ainda assim, dado que muitos garranos vivem atualmente em liberdade durante



Garranos em liberdade

todo o ano, formando grupos que recriam os comportamentos dos seus ancestrais selvagens, o seu papel no ecossistema é fundamental. No ambiente da Serra d'Arga, estes pequenos cavalos (na verdade são pôneis, uma vez que os garranos têm sempre uma altura ao garrote inferior a 1,35 metros), resistentes, bem adaptados às regiões de montanha, frias e húmidas, vivem essencialmente em manadas, constituídas por um harém com várias fêmeas e um macho adulto. Na Serra d'Arga, além de serem a principal presa do lobo, têm também um grande impacto na paisagem pelo pastoreio intenso que fazem na área de montanha.

Também como potenciais presas de lobo, incluem-se ainda os dois artiodáctilos (mamíferos ungulados com um número par de dedos nas patas) selvagens, com presença confirmada nesta área, o corço (*Capreolus capreolus*) e o javali (*Sus scrofa*). Ao contrário do javali, atualmente abundante um pouco por toda a região, e

cuja presença é facilmente confirmada pelas abundantes e visíveis fossadas que deixam nos terrenos, o corço é uma espécie muito mais discreta e menos comum, ainda que não se encontre ameaçada. Este pequeno cervídeo (o menor da Europa), símbolo do Parque Nacional da Peneda-Gerês, ocorre atualmente nas principais serras e parques naturais, essencialmente os do norte do país, incluindo a Serra d'Arga.

Dos restantes mamíferos não voadores (insectívoros, lagomorfos e roedores), encontram-se na Serra d'Arga diversas espécies, incluindo o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), a lebre-ibérica (*Lepus granatensis*), o esquilo (*Sciurus vulgaris*), o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) e várias espécies de ratinhos e musaranhos. No entanto, destes grupos, o principal destaque vai claramente para um pequeno mamífero particularmente ameaçado, a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*).

Este pequeno insectívoro da família das toupeiras é uma espécie rara, endémica da Península Ibérica e Pirenéus (presente também na parte francesa dessa cadeia montanhosa), que possui atualmente um estatuto de conservação de Vulnerável (Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal) e está listada nas categorias de maior risco a nível europeu (anexos II e IV da Diretiva Habitats). É uma espécie estritamente associada a pequenos rios montanhosos, de águas límpidas, frias e com grande oxigenação, com elevada heterogeneidade de refúgios e substratos. É uma espécie muito sensível à poluição e à perturbação humana, sendo muito difícil de observar. Nos setores mais a montante do Rio Âncora, a sua presença pode ser confirmada pela observação de indícios de presença, como os seus dejetos, que deixa frequentemente em rochas no leito do rio ou nas margens.

Toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*)



Finalmente, entre os mamíferos destaca-se ainda a grande diversidade de mamíferos voadores, os morcegos (ordem Chiroptera). Para a Serra d'Arga está confirmada a presença de, pelo menos, onze espécies diferentes, todas consideradas ameaçadas a nível europeu (de salientar que todas as espécies de morcegos presentes em Portugal são consideradas ameaçadas e listadas nos anexos da Diretiva Habitats).

Algumas espécies, como o morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*) ou o morcego-hortelão (*Eptesicus serotinus*), parecem ser muito comuns na Serra d'Arga, podendo ser observadas após o pôr-do-sol, em voos frenéticos para captura de insetos, muitas vezes junto dos aglomerados rurais ou sobre o rio. Estas espécies utilizam diferentes tipos de abrigos, podendo ser encontradas durante o dia

frequentemente escondidas numa grande diversidade de abrigos, como pequenas fissuras em edifícios ou árvores.

Outras espécies, como os morcegos-de-ferradura (*Rhinolophus ferrumequinum* e *Rhinolophus hipposideros*), ambas ameaçadas de extinção em Portugal, parecem ser muito menos frequentes, utilizando cavidades subterrâneas como antigas minas abandonadas como abrigos durante o dia.



Morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*)



Morcego-hortelão (*Eptesicus serotinus*)



Morcegos-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*)

Morcegos-de-ferradura-pequeno (*Rhinolophus hipposideros*)



Morcego-arborícola-gigante (*Nyctalus lasiopterus*)

Pela sua dimensão, destaca-se ainda a presença confirmada do morcego-arborícola-gigante (*Nyctalus lasiopterus*), o maior morcego que ocorre na Europa, com uma envergadura de asas que pode atingir quase 50 cm. É uma espécie essencialmente florestal, frequentemente associada a carvalhais bem desenvolvidos, que se abriga essencialmente em cavidades de árvores velhas. Esta espécie pode percorrer grandes distâncias para se alimentar (até 130 km), preferindo áreas ribeirinhas e urbanas.

Peixes

Os peixes são vertebrados, ectotérmicos, com corpo geralmente fusiforme e com os membros transformados em barbata-nas (ausentes em alguns grupos) sustentadas por raios ósseos ou cartilagosos. A respiração é feita por guelras ou brânquias, através das quais obtêm o oxigénio dissolvido na água. O corpo é geralmente coberto por escamas. Sendo estritamente aquáticos, podem ter ciclos de vida estritamente associados a água salgada, a água doce, ou efetuar migrações em que passam parte do ciclo de vida em mar e outra parte nos rios.

Na Serra d'Arga, e, particularmente, no Rio Âncora estão confirmadas 5 espécies de peixes, pertencentes a 4 ordens e 4 famílias.

Das espécies presentes destacam-se duas classificadas como Em Perigo de extinção em Portugal, a enguia (*Anguilla anguilla*) e o esgana-gata (*Gasterosteus aculeatus*).

A enguia é uma espécie migradora catádroma, que possui dois períodos de vida distintos, um no mar e outro em água doce. Na sua fase larvar, vulgarmente designada de meixão ou enguia-de-vidro (por ser quase transparente), entra nos rios, onde passa quase toda a sua fase de crescimento, até ao momento de iniciar a sua migração para o mar, onde se reproduz

(numa área geográfica muito restrita, no mar dos Sargaços). Sendo uma espécie que necessita de realizar grandes migrações entre diferentes sistemas aquáticos, encontra-se altamente ameaçada pela construção de obstáculos que impedem as suas movimentações. Outro fator muito importante de ameaça à espécie é a sua sobreexploração comercial, principalmente na sua fase larvar (meixão), quer pela captura ilegal, uma vez que a sua pesca só é permitida no estuário do Rio Minho, quer pela captura excessiva das suas larvas nesta bacia.

A esgana-gata é um pequeno peixe, com um comprimento máximo até 6 cm, sem escamas, mas com placas ósseas e espinhas dorsais e ventrais que lhe conferem uma forma característica. É uma espécie com distribuição em Portugal ainda pouco conhecida, sendo geralmente pouco abundante nas bacias hidrográficas em que ocorre. É uma espécie anádroma, quedurante o seu ciclo de vida tem uma fase de crescimento que ocorre no mar, e uma fase de reprodução que ocorre em meio dulçaquícola. Pode, no entanto, também possuir populações não-anádromas, exclusivamente dulçaquícolas ou estuarinas.



Enguia (*Anguilla anguilla*)

Não sendo considerados ameaçados em Portugal, no Rio Âncora ocorrem ainda duas espécies de ciprinídeos, a boga-do-norte (*Pseudochondrostoma duriense*) e o ruivaco (*Achondrostoma oligolepis*), ambos protegidos a nível europeu (listados no anexo II da Diretiva Habitats). As duas espécies apresentam uma distribuição global restrita, sendo a boga-do-norte endémica da Península Ibérica e o ruivaco um endemismo exclusivamente português.

Uma das espécies presente ao longo de todo o Rio Âncora, a truta (*Salmo trutta*), é uma espécie sensível à poluição e a temperaturas elevadas, sendo característica de águas correntes, frias, bem oxigenadas e com substrato grosseiro.

Na distribuição dos peixes ao longo do Rio Âncora é possível observar um zonamento claro, com a presença das 5 espécies na zona mais a jusante, e uma redução da diversidade nas áreas mais a montante, onde, nas zonas mais altas, apenas se mantém a presença da truta.



Esgana-gata (*Gasterosteus aculeatus*)



Boga-do-norte (*Pseudochondrostoma duriense*)



Ruivaco (*Achondrostoma oligolepis*)



Truta (*Salmo trutta*)

Distribuição das espécies e melhores locais para observar

A riqueza da fauna da Serra d'Arga deve-se em grande parte à diversidade dos biótopos disponíveis nesta área, capazes de proporcionar condições para a ocorrência de espécies com diferentes requisitos ecológicos.

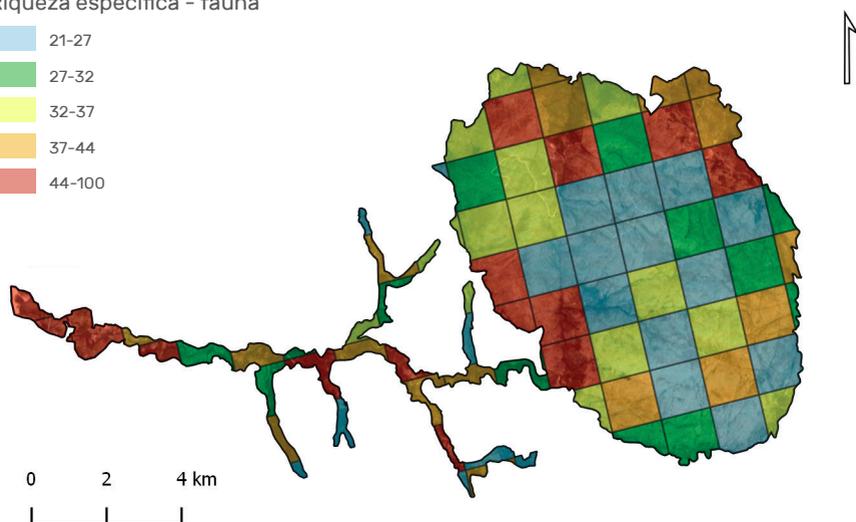
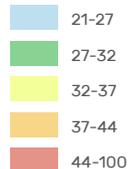
Na Serra d'Arga, tal como na maioria das áreas naturais, os locais com presença do maior número de espécies (riqueza específica) são os locais associados à presença de água (rios, ribeiros, estuários, etc.).

Ainda assim, em muitos casos, verifica-se que; algumas das áreas com menor riqueza específica são frequentemente

utilizadas por espécies com grande valor conservacionista, devendo por isso ser consideradas como relevantes.

No caso da Serra d'Arga, os principais valores do património faunístico, particularmente as espécies animais com maior valor conservacionista (espécies com estatuto de ameaça a nível nacional e/ou europeu), encontram-se essencialmente associados a três "áreas" principais: Zona costeira e estuário do Rio Âncora; Corredor fluvial do Rio Âncora (e outras linhas de água) e Zonas de montanha.

Riqueza específica - fauna



Zona costeira e estuário do Rio Âncora

Apesar da sua reduzida dimensão, a Zona costeira e estuário do Rio Âncora, é uma das zonas de maior riqueza específica de fauna de vertebrados de toda a Serra d'Arga. Só nessa área foi confirmada a presença de 96 espécies, na sua maioria aves. Com características muito distintas das restantes áreas da Serra d'Arga, o estuário do Rio Âncora serve de abrigo a várias aves durante o período de migração. Espécies como os pilritos (*Calidris alba* e *Calidris alpina*), a garça-branca-pequena (*Egretta garzetta*), o ostraceiro (*Haematopus ostralegus*), o corvo-marinho-de-faces-brancas (*Phalacrocorax carbo*), as várias gaivotas (*Chroicocephalus ridibundus*, *Ichthyophaga melanocephalus*, *Larus canus*, *Larus fuscus*, *Larus marinus* e *Larus michahellis*) ou o garajau (*Thalasseus sandvicensis*), entre muitas outras espécies, estão na área de

estudo restritas a este local, ocorrendo regularmente, essencialmente fora dos períodos de reprodução. Outras como os rouxinóis-dos-caniços (*Acrocephalus arundinaceus* e *Acrocephalus scirpaceus*) ou o borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*), podem aqui ser observadas no período reprodutor, geralmente associadas a biótopos específicos, como os caniçais densos e as praias respetivamente.

De uma forma geral, toda a zona do estuário pode ser interessante para a observação de aves, devendo ser dada particular atenção às zonas de caniçais, onde se escondem frequentemente várias espécies. Sendo maioritariamente utilizada

em períodos de internada e migração, os melhores períodos de observação da fauna neste local, e particularmente da avifauna, são essencialmente os períodos de setembro a março/abril. No entanto, mesmo no período reprodutor (maio a agosto), podem-se frequentemente observar várias espécies. Neste local, o período de verão coincide também com o período balnear, altura em que, devido à grande pressão humana, pode ser mais difícil detetar algumas das espécies mais relevantes, uma vez que estas se encontram frequentemente mais abrigadas ou evitam zonas mais expostas à perturbação.

Estuário





Troço terminal do Rio Âncora



Rouxinol-pequeno-dos-caniços (*Acrocephalus scirpaceus*)



Garajau (*Thalasseus sandvicensis*)

Corredor fluvial do Rio Âncora

Na Serra d'Arga o Corredor fluvial do Rio Âncora (e outras linhas de água) é possivelmente a zona com maior riqueza específica e com a presença do maior número de espécies de elevado valor conservacionista.

Grupos como os peixes ou os anfíbios, mas também algumas espécies de répteis,

aves e mamíferos, são particularmente dependentes destes biótopos e têm muitas vezes a sua distribuição restrita a estes locais.

As características distintas, entre a zona jusante do troço principal do Rio Âncora e as suas áreas mais a montante (tal como outros pequenos ribeiros presentes nas áreas de maior altitude), criam um continuum de biodiversidade, que se sucede em função das características do rio. Entre as comunidades faunísticas associadas a



Rio Âncora, em Âncora



Rã-verde (*Pelophylax perezi*)



Rouxinol-bravo (*Cettia cetti*)

estas zonas, podem-se observar diversas espécies ao longo de todo o ano. Ainda assim, sobretudo pelo facto das espécies se tornarem mais conspícuas (mais ativas, com colorações mais vistosas, etc.), o período da primavera é a altura ideal para visitar os vários locais associados ao Corredor fluvial do Rio Âncora.

Nas áreas mais a jusante estão presentes todas as espécies piscícolas, várias espécies tipicamente aquáticas, como a lontra (*Lutra lutra*), o guarda-rios (*Alcedo atthis*)

ou a rã-verde (*Pelophylax perezi*), e múltiplas espécies associadas à galeria ripícola, incluindo uma grande diversidade de pequenos passeriformes, como o rouxinol-bravo (*Cettia cetti*), muito fácil de ouvir ainda que possa ser difícil de observar, ou bandos de pequenos e irrequietos chapins-rabilongos (*Aegithalos caudatus*).

Nesta zona mais a jusante, um dos melhores locais para a observação de fauna corresponde à zona envolvente de uma pequena ponte sobre o rio, em Âncora.

Em direção a montante, podem ainda ser visitados vários locais, com comunidades faunísticas cada vez mais características dos rios de montanha. Desde Âncora até à zona imediatamente a jusante da cascata do Pincho observam-se frequentemente espécies como o melro-de-água (*Cinclus cinclus*), a rã-ibérica (*Rana iberica*) ou o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), mas também espécies características dos bosques ripícolas envolventes, como a geneta (*Genetta genetta*), a fuinha (*Martes foina*) e aves florestais, como pica-paus (*Picus viridis* e *Dendrocopos major*), trepadeiras (*Certhia brachydactyla* e *Sitta europaea*), entre outras. Nestes locais, as comunidades de peixes vão ficando reduzidas a espécies típicas de zonas de montanha, sendo que a montante da cascata do Pincho, apenas se mantém a truta (*Salmo trutta*).

Na zona mais a montante do Rio Âncora destaca-se um dos locais mais ricos em termos faunísticos na Serra d'Arga, a zona envolvente da ponte sobre o Rio Âncora em Montaria. Com exceção dos peixes, grupo no qual apenas a truta se encontra representada, neste local observa-se a grande maioria das espécies presentes ao longo de todo o troço fluvial, incluindo as espécies associadas à galeria ripícola. Nestas zonas altas surgem algumas das espécies mais ameaçadas, típicas de pequenos cursos de água de montanha, como a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) ou a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), mas também espécies mais comuns, como as cobras-de-água (*Natrix maura* e *Natrix natrix*), a rã-ibérica (*Rana iberica*) e diversas espécies associadas aos biótopos ricos presentes nas áreas envolventes, como a cobra-lisa-meridional (*Coronella girondica*), a geneta (*Genetta genetta*), a coruja-do-mato (*Strix aluco*), o chapim-de-poupa (*Lophophanes cristatus*), entre muitas outras.



Troço intermédio do Rio Âncora



Rio Âncora a jusante da cascata do Pincho



Cascata do Pincho



Rã-ibérica (*Rana iberica*)



Melro-de-água (*Cinclus cinclus*)



Rio Âncora, em Montaria



Cobra-de-água-de-colar (*Natrix natrix*)



Geneta (*Genetta genetta*)

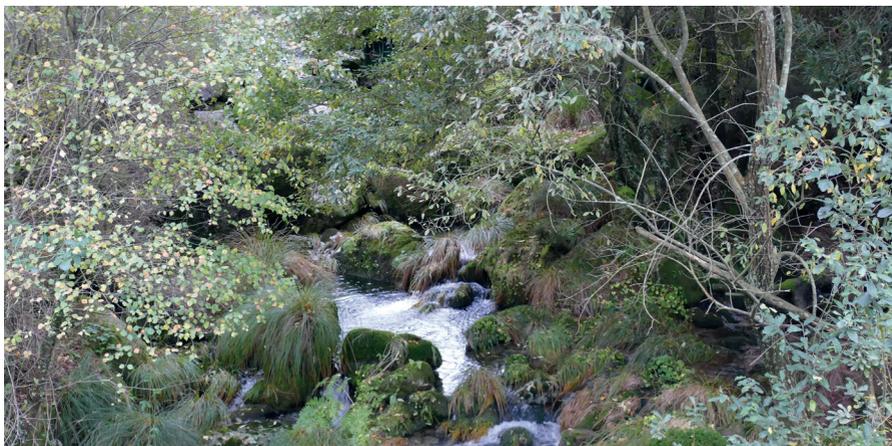
Finalmente, salienta-se ainda a importância das pequenas linhas de água, que ocorrem um pouco por toda a área, especialmente nas zonas de encosta. Estas pequenas ribeiras têm grande importância para diversas espécies, sendo muitas vezes os locais mais propícios para encontrar espécies como a salamandra-lusitânica e outros anfíbios, ou ainda indícios de presença de mamíferos, que permitem a identificação específica.



Ribeiros da Serra d'Arga



Salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*)



Ribeiros da Serra d'Arga



Pegada de texugo (*Meles meles*)

Zonas de Montanha

As áreas descritas de forma genérica como zonas de montanha enquadram uma grande diversidade de biótopos (mosaicos agroflorestais, prados e lameiros, matos e vegetação esparsa, afloramentos rochosos, pequenos bosques de folhosas, pinhais, turfeiras, etc.), e descrevem toda a área de planalto e encostas escarpadas da Serra d'Arga.

Zona rochosa de montanha



Zonas de matos de montanha



Planalto



Melro-azul (*Monticola solitarius*)

As zonas de maior altitude, com uma menor perturbação humana, apesar de exibirem uma menor riqueza específica comparativamente com as áreas anteriormente referidas, são o habitat de ocorrência de várias espécies com interesse conservacionista, que na área de estudo estão restritas a estes locais. Este é o caso de algumas aves de rapina diurnas e noturnas, como o falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) ou o bufo-real (*Bubo bubo*), que nidificam em áreas rochosas escarpadas da serra, a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), que nidifica em árvores nos bosques de encosta e frequentemente caça nas zonas mais elevadas ou ainda o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), que parece surgir mais associado a zonas de planalto com matos, mas também de algumas pequenas aves pouco comuns na região, como o melro-azul (*Monticola solitarius*) ou a petinha-dos-campos (*Anthus campestris*). As zonas de montanha são ainda habitats de excelência para répteis como os sardões (*Timon lepidus*), que frequentemente se observam um pouco por toda a serra, ou anfíbios como o sapo-corredor (*Epidalea calamita*), que aproveita pequenos charcos temporários para se reproduzir, dispersando depois para diferentes locais, onde os adultos permanecem geralmente escondidos durante o dia.



Sardão (*Timon lepidus*)

Esta área é ainda o local de ocorrência da espécie mais emblemática da Serra d'Arga, o lobo (*Canis lupus*). Como predador de topo que é, o lobo necessita de uma significativa disponibilidade de alimento, que na Serra d'Arga parece encontrar, essencialmente devido à presença de outro grande mamífero, neste caso de origem doméstica, mas também emblemático da montanha, o garrano.

A interação destes dois grandes mamíferos fica muitas vezes evidente, pela observação de indícios de presença de lobo, como pegadas e dejetos, nas zonas mais frequentemente utilizadas pelos grandes grupos de garranos. A frequente presença de cadáveres de garranos é também um indicador desta interação. Os restos destes animais servem ainda como atrativo para espécies necrófagas como o grifo (*Gyps fulvus*), que frequentemente se deslocam centenas de quilómetros para aproveitar os restos destas capturas do lobo.

Mais típicos das zonas de encosta, os aglomerados rurais, com os seus mosaicos agrícolas e agroflorestais são frequentemente os locais com maior diversidade das zonas de montanha.

Nestes biótopos pode-se observar, com frequência, uma grande diversidade de espécies de aves, presentes ao longo de todo o ano, como os verdilhões (*Chloris chloris*), os pintassilgos (*Carduelis carduelis*), as toutinegras-de-barrete-preto (*Sylvia atricapilla*), as carriças (*Troglodytes troglodytes*), os tordos (*Turdus philomelos*), entre muitas outras espécies de passeriformes. Espécies de aves de rapinas, como a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*), que aproveitam estas áreas para caçar pequenos roedores, são geralmente abundantes nestes terrenos agrícolas.



Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*)



Grifo (*Gyps fulvus*)



Dejetos de lobo



Garranos



Área rural



Área agrícola



Área agroflorestal



Área rural



Pintassilgo (*Carduelis carduelis*)



Andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*)



Lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*)



Em particular na primavera e verão, estes locais são invadidos por grandes bandos de andorinhas-das-chaminés (*Hirundo rustica*), que se reproduzem nas pequenas aldeias e aproveitam a abundância de insetos nos campos agrícolas para se alimentarem.

Para além das aves, estes mosaicos agrícolas e agroflorestais são ainda locais frequentemente utilizados por espécies de mamíferos, como a raposa (*Vulpes vulpes*) ou o morcego-hortelão (*Eptesicus serotinus*), por répteis, como a lagartixa-ibérica (*Podarcis hispanica*), e anfíbios, como a salamandra-comum (*Salamandra salamandra*).

Para a observação de fauna típica das áreas de montanha, a primavera é o período mais interessante. Ainda assim, grande parte da diversidade de espécies mantém-se durante todo o ano.

Águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*)

Créditos fotográficos:

Carla Maia e Duarte Mendes, exceto:

Floradata: fotografias de Pastagem de montanha (pág. 7) e Planalto (pág. 47);

Paulo Barros: todas as fotografias de morcegos;

José Teixeira: *Discoglossus galganoi*, *Triturus marmoratus*, *Alytes obstetricans*, *Chalcides striatus*, *Natrix maura*;

Stefan Berndtsson: *Falco peregrinus*, *Ichthyaetus melanocephalus*, *Sterna hirundo*, *Acrocephalus scirpaceus*, *Cinclus cinclus*;

Michael Sveikutis: *Coronella gironica*, *Cettia cetti*, *Monticola solitarius*;

PBG-CMG: *Meles meles*, *Lutra lutra*, *Ginetta ginetta*;

Sofia Tavares e Daniel Gomes: *Circus pygargus*;

Nuno Gomes: *Galemys pyrenaicus*;

Ondrej Prosicky/Shutterstock.com: *Martes foina*.

© Todos os direitos reservados.

A reprodução total ou parcial, sob qualquer forma, do conteúdo desta publicação carece de aprovação prévia e expressa dos respetivos autores e dos municípios de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima.

PROJETO INTERMUNICIPAL



FINANCIADO POR

